

Novos modos de dizer: considerações sobre dispositivos móveis e linguagem jornalística¹

Naiana Rodrigues da Silva²

Universidade Federal do Ceará

Resumo

O presente trabalho propõe-se a observar e descrever os discursos jornalísticos no cenário de convergência midiática tendo como foco de interesse a influência dos suportes sobre os modos de dizer do jornalismo. Portanto, serão analisadas evidências dessa relação entre suporte e discurso em uma publicação autóctone (CANAVILHAS, 2013) para dispositivos móveis do tipo iPad produzida pelo jornal cearense Diário do Nordeste, denominada *Diário Plus*. Para perceber esse fenômeno será necessário fazer uma revisão conceitual da definição de suporte (TÁVORA, 2008) como também de meio (McLuhan, 2007) e mídiun (MAINGUENEAU, 2002), ancorada em estudos provenientes da Comunicação, Linguística e da Análise do Discurso.

Palavras-chave: Jornalismo; linguagem; discurso; suporte; dispositivos móveis.

Discurso e convergência midiática

Michel Foucault (2010, p. 09) observa que a sociedade sempre se preocupou em controlar e ordenar os discursos³. Para tal, valeu-se de procedimentos que impedem que o discurso seja uma manifestação aleatória e, na verdade, constitua-se em um todo voltado para uma determinada finalidade. Esse poder sobre o que é dito faz com que discursar seja um lugar de embates, no qual está em jogo o desejo e a capacidade de enunciar. Para o autor francês, o discurso é o próprio objeto das lutas

1 Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Novos Meios e Novas Linguagens, do VIII Simpósio Nacional da ABCiber, realizado pelo ESPM Media Lab, nos dias 03, 04 e 05 de dezembro de 2014, na ESPM, SP.

2 Jornalista, mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Ceará e professora assistente – A na área de Jornalismo Multimídia e Convergência Midiática do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará. Email: naianarodrigues@gmail.com

³ Na definição de Norman Fairclough (2001), o discurso corresponde ao uso da linguagem como prática social. O discurso é visto assim como modo de ação e de representação.

sociais. Tem poder aquele que possui condições de dominar a ordem do discurso. Diante disso, todos desejam ter autonomia e liberdade para construir seus discursos.

Nesse cenário, o jornalista ocupa, portanto, uma posição social privilegiada, pois está secularmente autorizado a “falar”, a “enunciar”. É certo que esse discurso jornalístico não exprime o poder do sujeito, mas das diferentes instituições sociais que interferem no campo profissional. No entanto, hoje, o jornalista partilha seu poder discursivo com outros indivíduos. Observa-se que, gradativamente, surgem espaços em que qualquer um pode elaborar e exibir palavras e signos de diferentes naturezas. O desejo de enunciar coletivamente pode ser saciado em blogs, sites de redes sociais ou em qualquer outro espaço em que a ordem discursiva não seja mais tão restrita e discriminatória como o foi ao longo de mais de cinco séculos, desde a sistematização da imprensa por Gutenberg, ainda em 1415.

A liberação do polo de emissão (LE MOS e LÉVY, 2010) motivada pela apropriação das novas tecnologias de comunicação e informação gerou uma abertura discursiva que convida os não-especialistas a se sentirem no mesmo patamar de poder dos especialistas na produção de discursos. Os jornalistas como categoria especializada na produção de discursos precisa, portanto, ter consciência e controle do aparato discursivo e de sua materialidade para fazer jus ao papel social que ainda lhe é atribuído. Não nos interessa aqui comparar o poder discursivo entre jornalistas e outros usuários de posse dos mesmos recursos técnicos que as grandes instituições midiáticas, mas contextualizar a importância do domínio da ordem discursiva midiática por parte dos jornalistas como uma questão de sobrevivência nesse cenário marcado pela profusão informacional e tecnológica. Afinal, como bem pontua Foucault (2010), para entrar na ordem do discurso é preciso ser qualificado, ou seja, competente.

Portanto, os jornalistas precisam, assim, exibir toda sua desenvoltura discursiva para permanecerem na ordem do discurso midiático. No cenário da convergência de mídias, o aprimoramento da competência lingüística, parte do que Josenildo Guerra (2008) define como competência de produção⁴, é um desafio para os

⁴As competências dizem respeito aos conhecimentos prévios necessários ao exercício da atividade. Dão conta basicamente das necessidades relacionadas ao conhecimento dos fatos (competência cognitiva); aos procedimentos adotados tanto com os profissionais quanto com as demais pessoas envolvidas na cobertura (competência de conduta), e à elaboração material do produto a ser disponibilizado

profissionais da contemporaneidade. Eles, muitas vezes, se vêem envolvidos em um labirinto de redes invisíveis e de suportes materiais cuja existência enseja modos de ler e de escrever⁵ nunca antes experimentados pelo homem. Exemplo disso são os dispositivos móveis como smartphones e tablets que mobilizam uma criação jornalística inédita e adaptada a características como tamanho de tela, portabilidade, sensibilidade ao toque, etc.

Pensar e desenvolver conteúdos jornalísticos para os novos suportes é exatamente um dos aspectos da convergência jornalística. Conforme Salaverría e Negredo (2008), esse fenômeno ocasiona uma série de mudanças no campo jornalístico que incidem nas esferas da produção de conteúdos, da organização empresarial e do modo de trabalho dos profissionais. Conforme os autores, a convergência jornalística tem um viés tecnológico, outro relativo à linguagem e ainda um que incide sobre a organização da empresa.

La convergência periodística es un proceso multidimensional que, facilitado por la implantación generalizada de las tecnologías digitales de telecomunicación, afecta al ámbito tecnológico, empresarial, profesional y editorial de los medios de comunicación, propiciando una integración de herramientas, espacios, métodos de trabajo y lenguajes anteriormente disgregados, de forma que los periodistas elaboran contenidos que se distribuyen a través de múltiples plataformas, mediante los lenguajes propios de cada una (SALAVERRÍA E NEGREDO, 2008, p. 45).

Na dinâmica dos conteúdos, a convergência se manifesta claramente com a multimídia, ou seja, a qualidade de produzir conteúdos multimídia. Estes, por sua vez, são produtos que se valem de diferentes linguagens (texto, imagens e audiovisual), materializadas em um suporte (internet/digital) para informar (SALAVERRÍA E NEGREDO, 2008, p. 55). Em uma reflexão anterior, Salaverría (2001, p. 387) observa que o diferencial da multimídia é “a integração sincrônica e unitária de conteúdos expressos em diversos códigos”.

Dessa forma, para que se considere um produto multimídia, na perspectiva de Salaverría (2001), não basta que seja composto de diferentes códigos ou linguagens, mas que estas estejam articuladas de modo a produzir o que ele denomina de “unidade

(competência de produção). Do ponto de vista prático, essas competências representam a capacidade requerida para que a produção jornalística se processe, isto é, para que a informação inicial obtida seja transformada no produto final a ser consumido pela audiência.

⁵ Ler e escrever aqui não se limitam ao verbal, mas a uma leitura e escrita visual, audiovisual e hipertextual.

comunicativa”. Ou seja, os diferentes códigos devem estar conformados de modo a construir um significado único, em um processo harmônico de articulação informativa e não de justaposição ou redundância de informações.

A convergência, ao favorecer o encontro de diferentes códigos e linguagens simultaneamente, lança ao jornalismo o desafio de construir narrativas cada vez mais complexas, interativas e multimidiáticas. Nosso intuito, portanto, será o de perceber se as narrativas do *Diário Plus* são o que podemos chamar de complexas, pois exploram as características do suporte que as sustenta, dando vazão para a multimidialidade que ele traz em si e para a interatividade também latente em sua constituição. Ou se, na verdade, não passam de conteúdos do tipo multiplataforma, outra dimensão da convergência jornalística, conforme Salaverría e Negredo (2008). Os autores completam destacando que a diversidade de notícias multiplataforma tem como objetivo atender a um público mais fragmentado e diferente em relação àquele que, tradicionalmente, consome o jornal impresso. Um exemplo de estratégia de oferta de notícias multiplataforma é a disponibilidade dos conteúdos do impresso para dispositivos móveis.

Explorar a multimidialidade e as características do suporte, meio ou dispositivo são requisitos para se chegar ao que Deuze (2004) denomina de estado de “*full convergency*”, momento este em que a produção de notícias é feita de forma integrada, reunindo áudio, vídeo, imagens, gráficos, além de marketing e promoções crossmedia (DEUZE, 2004, p. 140).

Antes de verificarmos como o *Diário Plus* constrói suas narrativas, é importante discutir os conceitos de suporte e mídiium. Por meio deles, poderemos perceber em que medida as características particulares do iPad⁶ se mesclam à narrativa jornalística, compondo assim um conteúdo complexo e interativo.

O meio também é a mensagem

A materialidade dos suportes de comunicação e da relação destes com as dimensões espaciais e temporais é um tema corrente quando o objeto de pesquisa trata-se das novas tecnologias de comunicação. Esta discussão não é inaugurada com

⁶ O iPad é o tablet da marca Apple. É um aparelho móvel com tela sensível e sensores de movimento, muitos deles inexistentes em modelos de outras marcas.

o advento das mídias digitais, mas foi iniciada, com propriedade por Harold Innis, seguido de Marshall McLuhan - considerado ainda hoje um “guru” dos meios⁷. Foi McLuhan o autor do célebre corolário “o meio é a mensagem” que ainda hoje é alvo de polêmica na esfera dos estudos da comunicação.

Para Elaine Caramella (2009), ao afirmar que o meio é a mensagem, McLuhan ressignifica o processo de comunicação e os elementos que o compõem, inaugurando o que a autora chama de “poética dos meios”, que consiste na percepção de que o meio está em uma relação intrínseca com a mensagem e o código, fazendo com que toda mudança de ordem tecnológica implique também em transformações no código e na própria linguagem do meio. Já para Erick McLuhan e Frank Zingrone (apud MACHADO, 2009, p. 50), o meio é a mensagem porque, independentemente de conteúdo, o meio oferece uma percepção da realidade estruturada. Ele estrutura informações instigando os sentidos e produzindo novas formas de conhecimento.

A discussão sobre o meio pode ser arrematada com as palavras do próprio McLuhan (2007, p. 27), para quem o meio é a mensagem porque se tem uma apresentação simultânea das características do meio e de sua mensagem, quer dizer, a mensagem se materializa na superfície do meio.

O que fica evidente tanto nas afirmações do autor canadense quanto dos estudiosos de seu pensamento é que meio e mensagem compõem um todo praticamente indivisível, no qual o meio detem certa primazia na medida em que as alterações tecnológicas na sua constituição acabam por alterar a mensagem ou o conteúdo, estimulando assim outros sentidos do homem.

No entanto, a definição mcluhaniana de meio possui um tom abstrato e nada pedagógico, o que não nos ajuda a diferenciar meio de mídia ou de suporte, por exemplo, ou a relacionar as características do meio com os conteúdos jornalísticos. Para tanto, recorreremos a outros autores como Dominique Maingueneau (2002), analista de discurso francês que ancora sua definição de mídiem nas ideias de Régis Débray e relaciona o conceito com a manifestação dos gêneros discursivos: “Uma

⁷ McLuhan é devedor do pensamento de Innis, mas sua escrita desordenada e provocadora, além das máximas polêmicas, fizeram dele mais conhecido nas escolas de comunicação que Harold Innis, cujos trabalhos estão hoje, ainda, sem tradução para outras línguas. McLuhan tornou-se um teórico de visibilidade midiática a partir dos anos 60, o que lhe rendeu denominações como a de “guru da comunicação”.

mudança importante do mídiu modifica o conjunto de um gênero de discurso (MAINGUENEAU, 2002, p. 72).

O autor chama a atenção para o fato de que o mídiu não é apenas um meio de transporte do discurso, “mas que ele imprime um certo aspecto a seus conteúdos e comanda os usos que dele podemos fazer” (MAINGUENEAU, 2002, p. 71). Essa observação preliminar nos é esclarecedora na medida em que nos possibilita visualizar o iPad como um mídiu, pois, por meio de suas características, ele “comanda” o uso que fazemos de seu conteúdo. Por exemplo, para contemplar uma galeria de fotos de uma reportagem, em diferentes publicações exclusivas para iPad, é necessário virar o aparelho para a posição horizontal. Ao fazer isso, as imagens aparecem na tela. Sem a realização do movimento, o conteúdo não pode ser acessado de outra maneira, o que o deixa invisível.

Quando apenas a imagem disposta no corpo da narrativa principal é visualizada, sem o acesso da galeria de fotos, a reportagem ganha ares de conteúdo impresso. O que torna sua leitura diferenciada é apenas a materialidade do suporte em que está fixada, ou seja, o digital e não o papel, pois a multimídia e as características particulares do mídiu não são exploradas. Esta situação comprova assim a afirmação de Maingueneau (2002, p. 72) de que o “modo de transporte e de recepção do enunciado condiciona a própria constituição do texto, modela o gênero do discurso”. Sem o uso da função de movimento do iPad, o gênero discursivo em questão – a reportagem – é semelhante à reportagem do impresso⁸, caracterizando assim um ação de multiplataforma e não de multimídia, como observamos com Salaverría e Negredo (2008), e uma subestimação do mídiu, conforme as colocações de Maingueneau (2002).

Apesar de esclarecedora, a definição de mídiu do autor francês tem suas limitações. Uma delas é apontada por Antônio Duarte Fernandes Távora (2008), que pontua como o “pecado” de Maingueneau (2002) o fato deste não trazer a interação como construto do gênero e da situação enunciativa. Para Távora (2008, p. 23), a noção de suporte engloba as ideias de matéria, forma e interação.

⁸ Neste exemplo hipotético, não estamos levando em consideração os vídeos ou áudios, elementos que ao serem inseridos na narrativa rompem com a lógica de conteúdos do impresso, já que dão o tom multimidiático à reportagem.

Um suporte é uma entidade capaz de estabelecer interação; para tanto, ele pode se realizar materialmente, o que implica uma arquitetura formal. Forma não necessariamente é o arranjo da matéria que constitui o suporte, como no caso da celulose, que encadernada forma o livro; mas também se refere ao modo de existência que a linguagem assume devido ao material tecnológico responsável por sua difusão, registro ou arquivamento”.

A forma, para a qual Távora (2008) chama a atenção, irá, junto com a materialidade, proporcionar uma dada configuração da linguagem. Ele cita como ilustração o livro, que é uma forma, assim como a formatação de cada página em particular deste livro também é uma forma, estas que têm como materialidade o impresso. Essa especificação das formas é uma novidade em relação ao conceito de Maingueneau (2002). Contudo, diferente dele, Távora (2008, p. 26) adota como linha de raciocínio para a compreensão dos suportes a interação que estes desencadeiam, proporcionam ou requerem. “É mais do que natural que mensagens (ou gêneros) sejam afetados uma vez que a natureza interativa também se alterou”.

É possível perceber a alteração dessa natureza interativa nas publicações para iPad. Tanto o *Diário Plus* como outras revistas ou versões de jornais brasileiros, a exemplo também de *O Globo a Mais* (versão para o aparelho do jornal carioca *O Globo*), trazem em seus aplicativos um tutorial orientando sobre como navegar por entre as seções da publicação e por entre os conteúdos de cada seção. Essa espécie de manual de instruções é um atestado de que o suporte funciona e quando o usuário o segue tem uma dada experiência interativa e, quando não, tem exatamente outra, possivelmente menos rica em multimídia.

Arrematando a questão, Távora (2008, p. 26) coloca:

É em função de uma reconfiguração proporcionada pela materialidade tecnológica e que implica uma reorganização formal de manipulação da linguagem, que uma atitude responsiva se dá em termos de um comportamento não só esperado como exigido do participante.

Em se tratando dos leitores das publicações para iPad é necessário que estes interajam com o suporte, pois a resposta do aparelho para qualquer ação demandada pelo usuário é uma informação jornalística. Se o usuário não interagir com o suporte para além de um nível de básico, ele só terá acesso a conteúdos limitados, à

visualização de textos verbais e fotos, tendo assim uma experiência mais próxima do formato revista impressa do que do formato digital e multimidiático.

Essa ideia de Távora (2008) e sua aplicação aos *gadgets* como o iPad remetem ainda ao pensamento de Régis Debray (*apud* TÁVORA, 2008), para quem um novo mídiun requer um letramento de um mídiun anterior para ser usado, para proporcionar interação. Diante disso, podemos considerar que a leitura das publicações exclusivas para iPad é guiada pela experiência de leitura e uso do impresso e da própria web. Eduardo Pellanda e Ana Cecília Nunes (2012), ao analisarem a linguagem própria dos tablets para o jornalismo digital observam que há uma remediação⁹ de modelos e formatos do impresso para esse tipo de plataforma, fazendo dos conteúdos desses aplicativos verdadeiros híbridos.

A hibridização advém do fato de possuírem a multimidialidade própria da web, porém, ainda valorizam aspectos marcantes do impresso, como a predominância do texto como modo semiótico mais pronunciado em diferentes publicações dessa natureza e ainda as hierarquias de importância do jornalismo impresso reconfiguradas, por exemplo, nas divisões por editoriais. Situações estas que observamos claramente no *Diário Plus*, que é devedor do impresso não só em sua organização editorial, mas inclusive profissional, já que as reportagens são realizadas por profissionais lotados na redação do impresso¹⁰.

Diante dessa remediação, o que desponta como novidade ou diferencial do dispositivo é o uso de recursos hápticos (gestos táteis e os movimentos) como escolhas editoriais. Afinal, como coloca Távora (2008, p. 72), “não se pode esquecer que a materialidade propicia um tipo de relação interativa com seus enunciatórios”.

No caso do *Diário Plus* ou de publicações semelhantes, a relação interativa em questão requer do usuário o toque sobre a tela e o movimento do aparelho para mudança de posição, ora vertical, ora horizontal. Ações estas consideradas por

⁹ Canavilhas (2012, p.09) explica bem o conceito de remediação, sistematizado por Bolter e Grusin (1999). “Remediação (*remediation*) é o processo de renovação de velhos conteúdos efetuado pelos novos meios. Ou seja, os novos meios de comunicação renovam (*refashion*) os conteúdos dos anteriores, permanecendo desta forma uma ligação entre novos e velhos meios”

¹⁰ Informações provenientes da experiência de trabalho da autora no jornal *Diário do Nordeste* e como colaboradora produzindo conteúdos para o *Diário Plus*.

Palácios e Cunha (2012) como a sétima característica do webjornalismo¹¹: taticidade. Essa observação nos remete novamente a Maingueneau (2002), quando ele destaca que as modificações das condições materiais da comunicação transformam radicalmente os conteúdos e as maneiras de dizer. Portanto, a taticidade inerente ao dispositivo como o iPad irá implicar em novos modos de dizer do jornalismo, ou seja, irá colaborar para o surgimento de novas estratégias e gêneros discursivos dentro do espectro linguístico do jornalismo. O que iremos verificar a partir de agora é se o *Diário Plus* vale-se dessas novas articulações lingüísticas a partir da materialidade própria do dispositivo.

Modos de dizer no jornalismo para iPad

Em fevereiro de 2013, o jornal cearense *Diário do Nordeste* lança sua publicação exclusiva para iPad. O *Diário Plus* é o primeiro da categoria no Ceará e também no Nordeste de um modo geral. O conteúdo exclusivo para um tipo de dispositivo é veiculado de segunda a sexta-feira, ficando disponível a partir das 19h. O produto é um autóctone, que Susana Barbosa (2013) identifica como uma aplicação exclusiva que recebe tratamento diferenciado e marca a entrada em uma quinta geração do webjornalismo, também caracterizada pela prática do jornalismo em base de dados. No caso, o *Diário Plus* só pode ser acessado online, por meio de um aplicativo do jornal, baixado na Apple Store, o que proporciona acesso ainda à versão pdf do jornal e a outros produtos como revistas e suplementos especiais.

As edições do *Diário Plus* não podem ser descarregadas e acessadas com o dispositivo em modo offline, o que faz da conexão permanente uma tecnologia imprescindível para o consumo do produto. A publicação é realizada por três designers, um editor e uma equipe de repórteres e fotógrafos do impresso. Essa constituição é indicativa da polivalência midiática, uma evidência da convergência jornalística no âmbito profissional como observam Salaverría e Negrodo (2008). O grupo é responsável pela produção de reportagem principal, matérias secundárias, notas, notícias e colunas.

¹¹ Vale lembrar que as outras seis características do webjornalismo são: hipertextualidade, multimídia, memória, personalização, interatividade e atualização em tempo real.



Acima, está a imagem da Capa da publicação no dia 06 de outubro de 2014, produzida após o primeiro turno das eleições. Ao clicar sobre a reportagem principal ou sobre qualquer um dos três destaques da primeira página, somos levados diretamente para o conteúdo sem necessitar passar por todas as seções, ou pelo menu inicial, uma ação que ilustra o uso da não-linearidade e a remedição da ordem de leitura característica da web.

A leitura se dá pelo deslizar por sobre a tela no sentido horizontal para passar de uma seção a outra e no sentido vertical para passar as páginas ou telas de uma reportagem ou coluna. As informações “escondidas” podem ser acessadas por meio de cliques que são sinalizados com o uso de ícones ou mesmo de orientações verbais como “clique para visualizar imagens” ou ainda “clique para assistir ao vídeo”, “arraste”, etc. Na edição escolhida para análise, podemos observar o uso dessas duas formas de orientação na reportagem principal sobre o segundo turno da disputa eleitoral no Ceará. Abaixo, temos a primeira e a segunda páginas da reportagem principal.

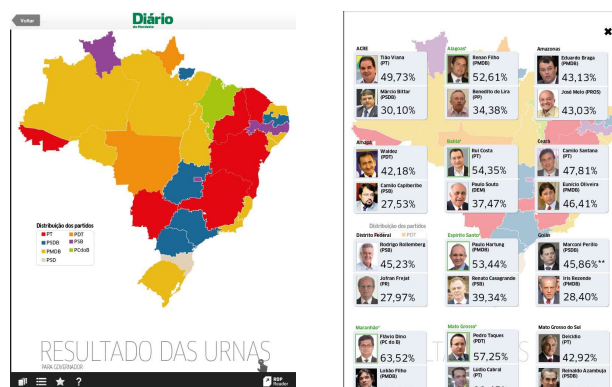


Logo na segunda página da reportagem, observamos o ícone sugerindo o movimento que irá proporcionar a visualização de dados referentes à disputa. Na página seguinte, o recurso aparece novamente orientando a leitura da galeria de fotos. A estratégia repete-se mais uma vez na página cinco, dando acesso a outra galeria de imagens e fazendo com que o usuário interaja com o dispositivo e com o conteúdo, simultaneamente, para poder revelar uma informação que complementa a narrativa.



Essa construção também faz uma remediação da web, cujo formato galeria de fotos é comumente empregado, ao contrário do impresso, que não se vale da proposta por conta de limitações espaciais. Ainda na reportagem em questão, observamos na página 4 ilustração de um mapa do Brasil que dá base a um infográfico. Contudo, para visualizar os dados é necessário seguir o ícone de orientação, localizado no canto direito da tela, que indica ser preciso clicar para que o

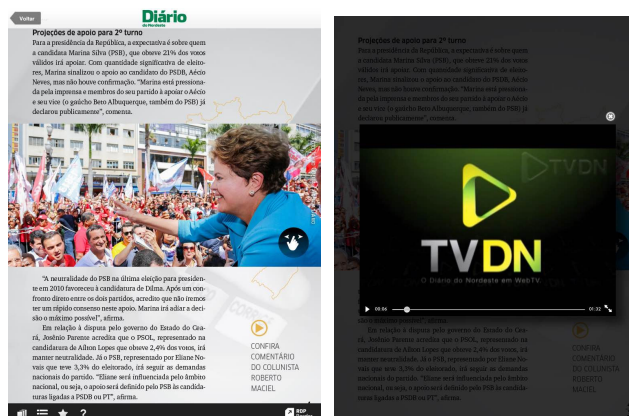
conteúdo apareça. Só então é possível ter acesso aos dados de votação de todo o país que aparecem em uma janela sobre o mapa, visível também abaixo. Apesar da exploração da materialidade do dispositivo, o infográfico em questão remedia mais o impresso do que a web.



As informações aparecem simultaneamente, completas em um bloco. Se estivéssemos em uma página na web, elas poderiam aparecer separadamente, a partir do clique em cada região do mapa, possibilitando uma visualização fragmentada das informações e uma leitura direcionada do conteúdo, dando opção de escolha para o leitor. Porém, o que verificamos, neste caso, é a transposição de um formato do impresso, para o iPad, já que a interatividade é limitada.

Oliveira e Paulino (2013) fizeram observação semelhante ao estudar as características do jornalismo nestes suportes. As autoras concluíram que os modelos de publicações brasileiros não exploram a interatividade com afinco, nem estimulam a participação com espaços para comentários, por exemplo, ou com a disposição de ferramentas de compartilhamento na rede. O *Diário Plus* segue essa lógica, pois não estimula a participação. Nesse quesito, portanto, constatamos mais uma experimentação dos dispositivos móveis como plataformas para o jornalismo (BARBOSA, SILVA e NOGUEIRA, 2013) do que a preocupação com a participação do usuário e a replicação de informações na rede.

Ao mesmo tempo, é essa experiência que faz com que o iPad não se restrinja a um mero equipamento digital para leitura de textos verbais, apesar do texto escrito ser o código semiótico predominante na publicação. Podemos observar isso também na página 5 da reportagem do *Diário Plus*.



Aqui, encontramos a presença da multimídia com um vídeo de teor analítico de um colunista do jornal, que pode ser visualizado se o usuário seguir as instruções e clicar no ícone “play”. No caso, trata-se da replicação de um conteúdo produzido para a TV web do mesmo veículo. Fenômeno esse que Susana Barbosa (2013, p. 34) identifica como sendo uma transposição 2.0. “Há um nível expressivo de replicação de conteúdos na distribuição multiplataforma/crossmedia, caracterizando uma transposição 2.0”.

Esses usos de conteúdos multiplataformas e da taticidade nos proporcionam ver os conteúdos do *Diário Plus* como híbridos dos formatos do jornalismo impresso e do jornalismo na web que primam pela unidade comunicativa de que fala Salaverría (2001), pois em termos de sentido, os conteúdos não são redundantes e sim complementares, mas ao mesmo tempo independentes. Nesse sentido, o que o *Diário Plus* faz é valer-se do dispositivo móvel para dar vazão ao seu processo de convergência midiática e, com isso, acaba explorando as particularidades do suporte na construção de discursos jornalísticos híbridos e, potencialmente complexos.

Conclusões

Estamos vivenciando o que se pode chamar de uma primeira fase dos aplicativos autóctones para dispositivos móveis, marcada pela remedição do jornalismo impresso, do jornalismo na web e com o uso da linguagem do próprio suporte. Podemos, portanto, entender, a partir da breve análise do caso do *Diário Plus*, que o uso dos recursos hápticos (gestos táteis e movimentos) podem ser considerados escolhas editoriais. Afinal, cada ação implica a visualização de dada informação, ou de uma camada de informação, esta que, caso não seja lida, não

compromete a compreensão da narrativa de modo pleno, mas cuja presença e aparição tornam esse mesmo enunciado mais complexo e denso.

Diante disso, a expectativa é que as produções exclusivas para esses dispositivos constituam-se em novos formatos jornalísticos, construídos por meio de uma imbricação cada vez mais profunda das linguagens do suporte e do jornalismo em si. O aprimoramento dos gêneros jornalísticos veiculados em dispositivos móveis garantirá à instância jornalística, portanto, o reconhecimento social de sua competência discursiva. Na medida em que o jornalista domina o aparato discursivo atrelado ao cenário da convergência midiática, cuja materialidade inclui suportes móveis e tácteis, ele se afirma enquanto um produtor legítimo de discursos sociais.

Daí ser relevante observar a emergência de produtos editoriais a exemplo do *Diário Plus*, pois eles nos dão pistas de como é possível explorar novas construções discursivas no campo do jornalismo, este que, agora, amplia o estímulo da sensorialidade humana acrescentando o tato, à visão e à audição, já exploradas pelas mídias ou suportes anteriores.

Além disso, a aparição deste tipo de publicação nos desafia a pensar e articular conceitos como o de mídiun e suporte, aqui apresentados, e que, por muitas vezes, estiveram à margem nos estudos de comunicação e de jornalismo, particularmente. É possível verificar a hegemonia das análises em torno dos sentidos das mensagens e de seus significados em comparação com pesquisas que visem o estudo da relação entre meio e mensagem. Neste artigo, ensaiamos uma articulação entre essas definições e os formatos correntes no mercado jornalísticos, conjuntura esta que pode ser ampliada em empreitadas acadêmicas futuras.

Referências

BARBOSA, Susana. Jornalismo convergente e continuum multimídia na quinta geração do webjornalismo nas redes digitais. In CANAVILHAS, João (org). **Notícias em mobilidade: o jornalismo na era dos dispositivos móveis**. Covilhã, Portugal: LabCom, 2013.

BARBOSA, S; SILVA, F. F e NOGUEIRA, L. A atuação jornalística em plataformas móveis. Estudo sobre produtos autóctones e a mudança no estatuto do jornalista. In **Brazilian Journalism Research**. V. 9. N. 2, 2013.

CANAVILHAS, João (org). **Notícias em mobilidade: o jornalismo na era dos dispositivos móveis**. Covilhã, Portugal: LabCom, 2013.

CANAVILHAS, João. Da remediação à convergência: um olhar sobre os media portugueses. In **Brazilian Journalism Research**. Volume 8, Nº 1, 2012.

CARAMELLA, E; NAKAGAWA, F. B; KUTSCHAT, D e FAGLIANO, F (orgs). **Mídias: multiplicação e convergências**. São Paulo: Editora Senac, 2009.

DEUZE, Mark. What is multimedia journalism? In **Journalism studies**. Amsterdã, Holanda, volume 5, n. 2, 2004.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora UnB, 2001.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 18. ed, 2009.

GUERRA, Josenildo Luiz. **O percurso interpretativo na produção da notícia – verdade e relevância como parâmetros de qualidade jornalística**. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2008.

LEMOS, André e LÉVY, Pierry. **O futuro da internet – Em direção a uma ciberdemocracia planetária**. São Paulo: Paulus, 2010.

MACHADO, Irene. Ah, se não fosse McLuhan. In CARAMELLA, E; NAKAGAWA, F. B; KUTSCHAT, D e FAGLIANO, F (orgs). **Mídias: multiplicação e convergências**. São Paulo: Editora Senac, 2009.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2002.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 2007. 15 reimpressão.

PALACIOS, Marcos e CUNHA, Rodrigo do Espírito Santo. A taticidade em dispositivos móveis: primeiras reflexões e ensaio de tipologias. In **Contemporânea Comunicação e cultura**. Salvador, Bahia. V. 10. N 3. Set – Dez 2012.

PAULINO, Rita, e RODRIGUES, Vivian (orgs). **Jornalismo para tablets: pesquisa e prática**. Florianópolis: Insular, 2013.

PELLANDA, E. C e NUNES, A. C. B. A linguagem própria dos tablets para o jornalismo digital: estudo de caso do The Daily. In **XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Fortaleza, Ceará, 2012.

SALAVERRÍA e NEGREDO, Ramón e Samuel. **Periodismo integrado – convergencia de medios y reorganización de redacciones**. Universidade de Navarra, Espanha, 2008.

SALAVERRÍA, Ramón. Aproximación ao concepto de multimedia desde los planos comunicativo e instrumental. In **Estudios sobre el mensaje periodístico**. Madrid, Espanha, n. 7, 2001.

TÁVORA, A.D.F **Construção de um conceito de suporte: a matéria, a forma e a função interativa na atualização de gêneros textuais**. 2008. 183 f. Tese (Programa de Pós-graduação em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.